

Registos da Infância: uma apropriação pedagógica (Ana Paula Tavares e Luandino Vieira)

Carla Ferreira¹

Le monde des contes, dans leurs versions orales et populaires comme dans leurs versions traduites ou littéraires, est bien un “monde réel”.²

Homenagear António Jacinto através da organização de um Colóquio Internacional significa celebrar igualmente uma forma de estar na cultura e na vida, uma geração, uma amizade entre países e, finalmente, a língua portuguesa e as diferentes literaturas que ela pôde gerar. Merece profundo reconhecimento e orgulho quem teve não só a ideia, mas sobretudo o empenho de tornar realidade este projeto. O nosso agradecimento muito sentido, por isso, a Ana Paula Tavares, a Fabio Mario Silva, a Luís Pinheiro e a Teresa Sousa.

¹ Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

² Georges Jean, *Le Pouvoir des Contes*, Tournai, Casterman, 1981, p. 99.

Embora a presente reflexão não envolva de forma direta a obra de António Jacinto, é nossa convicção que apresentar uma leitura de finalidade pedagógica a partir de textos de Ana Paula Tavares e de Luandino Vieira não constitui um desvio aos objetivos delineados para este colóquio. Por um lado, o percurso de António Jacinto pode e deve ter um acolhimento em função de uma perspectiva formativa e, por outro lado, os dois autores que nos propomos trabalhar são herdeiros da geração e da genialidade do homenageado.

Sentidos da leitura

A literatura possui, como sabemos, uma singular dimensão pedagógica, que contempla, entre outros aspetos, i) a importância de dotar os jovens de uma consciência estética, ii) o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, iii) o enriquecimento linguístico, e iv) sobretudo o pessoal, que se traduz numa capacidade de compreender a História, de aceitar e conviver com a diversidade, de relativizar e questionar o mundo e de acreditar essencialmente que é possível, em certa medida, mudar o destino da própria vida e o de um país, lutando pelo fim de injustiças e pugnando por um ideal de dignidade para todos.

Este carácter pluridimensional da literatura está na génese da sua função formativa e do modo como o texto literário estabelece um diálogo frutífero com a vida. Assim nos ensinam todos os que têm, ao longo dos tempos, refletido sobre o alcance pedagógico da leitura literária. No entanto, a recente e quase exclusiva valorização dos estudos científicos, a par da atração exercida por novas plataformas comunicativas, motivaram um inegável afastamento entre a literatura e os jovens leitores. Visava-se sobretudo o alcance de uma imagem social baseada num conhecimento mais prático, imediato, racional. Por outro lado, os jovens sentem que a sua rede social se alimenta de problemáticas em torno do instantâneo. Perdeu-se, de certo modo, a noção da riqueza humana baseada na reflexão humanista proporcionada pela leitura.

Redimensionar a presença da literatura na escola configura-se, neste enquadramento, como uma reconhecida necessidade, se aceitarmos que a inversão do atual balanço se pode e deve fazer. A literatura propicia aos jovens, além do contacto com universos da fantasia e do real desconhecido, a capacidade de pensar, relativizando e comparando contextos, a confiança para desempenhar, enfim, um papel de sujeito ativo enquanto cidadão. O conteúdo e a qualidade das leituras realizadas na infância e na juventude influenciam de modo substancial a formação dos indivíduos, contribuindo para a construção de sociedades mais sólidas e exigentes.

O documento *Metas Curriculares do Português* (BUESCU *et alii*, 2012³), implementado no presente ano letivo, legitima as nossas convicções. Ao consagrar a leitura literária como uma dimensão autónoma e ao valorizar uma abertura das experiências de leitura, quer na sua qualidade, quer na sua diversidade, o documento estabelece uma nova estratégia para o ensino do Português. Nesta, a literatura (re)adquire um estatuto nobre no contexto das experiências de aprendizagem previstas no âmbito da disciplina de Português, atingindo uma amplitude privilegiada, por constituir objeto de uma aprendizagem específica e por poder igualmente ser utilizado como meio para aquisição e desenvolvimento de competências de leitura e de escrita. Encontra-se sublinhada a importância desta nova visão sobre a literatura, desde logo, na “introdução” das Metas Curriculares do Português ao defenderem os autores que “[...] a Literatura, como repositório de todas as possibilidades históricas da língua, veicula tradições e valores e é, como tal, parte integrante do património nacional” (BUESCU *et alii*, 2012, p. 5). Desta forma, e como acentuam os mesmos autores, a literatura é um elemento relevante para a formação do indivíduo.

³ Este documento foi homologado pelo Despacho N.º 10874/2012, publicado no *Diário da República*, Série II, de 10 de agosto. Encontra-se em fase de discussão pública o documento *Programa e Metas Curriculares de Português, Ensino Secundário*, elaborado por Helena C. Buescu *et alii*.

Pelas suas propriedades estilísticas, temáticas, mas sobretudo pela ligação à terra e à expressão do seu significado social, as literaturas africanas de língua portuguesa oferecem a jovens leitores conteúdos exploratórios capazes de surpreendê-los e de assim os motivar para a leitura. Na realidade, a literatura para a juventude não se pode dissociar dos seus possíveis formativos. No conjunto das artes, cujo conhecimento e acesso a escola deve proporcionar, a literatura oferece como nenhuma outra a experiência dos possíveis, através da vivência por projeção de situações proporcionadas por processos de identificação e do imaginário como mais nenhuma outra arte ou disciplina proporciona.

Verifica-se assim que a disciplina de Português não se pode definir em termos de limites temporais ou de fronteiras de saberes. Também como nenhuma outra, a disciplina de Português surge como repositório do saber, dimensão que supera o mero conhecimento. E dentro dela, o contacto com as literaturas africanas de língua portuguesa, em geral, e com os autores Ana Paula Tavares e José Luandino Vieira, em particular, revelam aos alunos um universo composto por muitas inquietações às quais não poderão ficar indiferentes, motivando-os não só para a leitura, mas também para o diálogo com os textos e sobre eles. Porque dar a descobrir o mundo, como se de uma chave decodificadora se tratasse, pode bem ser um dos percursos de motivação para a leitura.

As obras de Ana Paula Tavares e de Luandino Vieira selecionadas⁴ revelam a capacidade de se oferecerem a revisitações onde sempre é possível descobrir novos sentidos, o que os torna autores indiscutíveis do ponto de vista da construção de um cânone escolar de língua portuguesa a ser implementado em qualquer dos países que a têm como língua materna ou língua de aprendizagem e comunicação.

Como está demonstrado, o texto em prosa breve, seja crónica literária ou conto, pelas suas características estruturais e pela sua extensão, responde muito positivamente aos desafios da pedagogia e às ansieda-

⁴ Elegemos como horizonte da presente reflexão as seguintes obras: de Ana Paula Tavares, *A Cabeça de Salomé*, Lisboa, Caminho, 2004; de Luandino Vieira, *A Guerra dos Fazedores de Chuva com os caçadores de nuvens*, Lisboa, Caminho, 2008.

des de um público jovem, por vezes ainda pouco conquistado para a leitura, embora, evidentemente, tal não exclua a relevância da leitura e estudo de obras de dimensão mais exigente.

Em *A Cabeça de Salomé*, Ana Paula Tavares presenteia-nos com textos que, situando-se num patamar de considerável complexidade, proporcionam aos jovens leitores de Portugal a compreensão de outras realidades e a consequente abertura de horizontes.

Entre os muitos textos disponibilizados em *A Cabeça de Salomé*, seleccionámos para a nossa leitura “O milhafre”, “Zé Miúdo” e “A menina dos ovos de ouro”. As três crónicas apresentam uma estrutura em que a figura da autora, de importância decisiva no género em análise, surge como mediadora do conteúdo da matéria do texto, como que assegurando a veracidade da sua essência e estabelecendo com o leitor um pacto de confiança que institui em simultâneo uma ambiguidade entre o texto escrito e a narrativa oral. O leitor, deixando-se embalar pelo ritmo das palavras e o conteúdo que o transporta para um tempo fora do tempo, não percebe nitidamente se lê ou se escuta simplesmente.

Tão importante nestes textos como a presença da autora, transformada em contadora de histórias e encantadora de leituras, é a personagem “madrinha”, apresentada como alguém que vela pelos miúdos sem contudo esquecer os aspetos materiais da vida indispensáveis ao sentido de organização e de disciplina que tenta incutir nas crianças, como nos relata Ana Paula Tavares. A sua inscrição nos textos permite ao leitor desenvolver o seu imaginário, de modo a aprofundar os traços e os mistérios dessa personagem que ora se questiona ora se ouve atentamente e se respeita porque é ela a responsável pela introdução dos miúdos no que se pode denominar de consciência da vida. O relevo da personagem “madrinha”, elemento dominante do universo infantil invocado nos textos, motiva uma interpelação dos alunos ao universo textualizado com base nas suas próprias vivências, percebendo, em simultâneo, as distintas funções que os adultos assumem no contexto da vida real individual, de diferentes universos culturais ou civilizacionais e de finalidade pedagógica. Um dos desafios suscitados pela análise da

“madrinha” relaciona-se com o seu fazer e o modo como este condiciona a ação das personagens juvenis; tentar compreender os motivos subjacentes ao relevo atribuído pela autora à “madrinha” poderá, por outro lado, estabelecer um percurso de reflexão sobre os discursos da emotividade e da memória, já que a “madrinha” revitaliza-se através do exercício de memória efetuado pela autora.

Perceber o discurso da emoção faculta ao leitor a compreensão dos valores que percorrem os textos, motivando uma leitura projetiva, capaz de redimensionar o indivíduo à luz da experiência do outro sem o julgar, pois a emoção não se enquadra no domínio do julgamento, mas sim no da percepção, como explicitam Julien Deonna e Fabrice Teroni (2008, p. 63). Convém sublinhar igualmente que, situando-se a crónica literária num plano determinado por influências distintas como o espectro autobiográfico, a experiência quotidiana e a mundivisão singular da voz narrativa, o diálogo entre o leitor e a autora nasce da condição do texto – crónica e da sua difusão entre o literário, o informativo e o pedagógico.

“O milhafre”

Em “O milhafre” (TAVARES, 2004, pp. 63-69), o ritmo dos dias e a dimensão do tempo são marcados pelos ciclos da natureza e das colheitas que exercem a função de orientar as crianças no decurso das horas e dos dias, sendo referidas no texto as safras do milho e da massambala, como recorda a autora:

O nosso olhar despido ainda se detinha no sorriso verde e amarelo das maçarocas gordas e a começar a perder os cabelos ruivos, enquanto mais ao fundo a massambala começava a espigar seus grãos de coral, respirando ao sol, de forma aflita, a preparar a inquieta transição para a farinha e cerveja de levedar os dias. (TAVARES, 2004, p. 63)

Como se verifica, a linguagem e a tonalidade adivinhadas da voz da cronista conferem um registo de naturalidade e de sintonia entre a espontaneidade, a linguagem poética e o universo infantil. Esta congregação de múltiplas dimensões compreende igualmente a reação humorística que suscita no leitor o protagonismo da vaca Estrelinha que, segundo as palavras da escritora, tornava irmãs de leite o conjunto das crianças protegidas pela madrinha, oferecendo-lhes em simultâneo “as delícias do seu ventre quente, macio e cheio”, cheirando, portanto, a mãe. A perceção do acolhimento maternal da vaca Estrelinha, sugerida pela cronista, configura o universo juvenil em que a autora se dimensiona, gerando uma empatia com o leitor a que a tonalidade humorística do texto não é, como referimos, alheia.

A vida de recreio das crianças representada na crónica enuncia, também ela, o contributo da terra para a construção da identidade infantil, pronunciada na descoberta das pedras, do chão e da montanha. As crianças faziam do capim e das espigas, juntamente com os cães da casa e dos vizinhos, o seu território de brincadeiras. A terra surge, assim, como espaço de afetividade, de aprendizagem e de identidade. Esta perceção oferece um terreno frutuoso para um percurso interpretativo capaz de ilustrar os elementos construtores da densidade humana individual e cultural.

Após a leitura, já no momento de reflexão sobre as significações do texto, poderemos perceber um misto de perplexidade da autora perante a descoberta da intenção da madrinha em ensinar as crianças a servir de espantalhos das aves que ameaçavam as culturas, mas também a satisfação da vitória alcançada pelos miúdos, quando, apesar de imobilizados na sua tarefa de assustar o milhafre, não desistiram de aprender com a observação do voo da ave, transmitindo uma lição de esperança, como nos confessa a autora:

Quando já tínhamos ganho, entre palavras e silêncios, o medo
e seus territórios, nosso olho, adestrado, percebeu o milhafre.
Ainda não sabíamos nada de aviões, pedigree, nem alta-costura.
Mas, enquanto a madrinha nos treinava para espantar pássaros,

nossos olhos, no corpo imóvel, corriam a morrer na precisão do voo, na rapidez do mergulho, na transparência amarela do olho. A madrinha prolongava-nos o corpo para espantar pássaros e mi-lhafres, mas deixava que a alma se iniciasse no alfabeto do voo, geometria, devoração e rapina (TAVARES, 2004, p. 65)

Numa dimensão pedagógica, a lição ministrada pelas crianças à madrinha não poderia ser desvalorizada por significar a medida da inteligência das crianças e o modo como, juntas, transformam as fronteiras do imediato, medido pela dimensão do campo de colheita agrícola, em outras etéreas, cujo protagonismo cabe à linguagem onírica e possui uma aplicabilidade bem mais duradoura, incapaz de se esgotar no tempo da infância. O último parágrafo do texto, incidindo nos frutos de aprendizagem da estratégia de combate ao milhafre, sugere, pois, que a madrinha, embora inconsciente, facultou às crianças as armas que perduram para além da cronologia dos dias e do objetivo instantâneo.

“Zé Miúdo”

Por sua vez, o texto “Zé Miúdo” (TAVARES, 2004, pp. 95-98) valoriza a magia da palavra e do imaginário na cultura angolana. Para a autora, a palavra possui o vigor do símbolo, como tem frisado em várias entrevistas e testemunhos. Em sintonia com esta conceção, o leitor apercebe-se do protagonismo da palavra e da sua dimensão estética através da análise do ritmo dos textos de Ana Paula Tavares, como que querendo significar que a linguagem, na sua feição simbólica e estética, integra a essência da mensagem, mesmo num género híbrido como a crónica. Numa leitura cuja finalidade última seja a de encaminhar os alunos pelos possíveis do texto literário, fazendo-os compreender o texto na sua dimensão estética, para além de simples meio de acesso ao conhecimento, os textos de Ana Paula Tavares constroem uma gramática indispensável para a percepção da vitalidade poética da linguagem e do seu poder simbólico.

Zé Miúdo, uma das crianças protegidas pela madrinha, exercia, à hora do recolhimento habitual da sesta daquela, o poder encantatório das narrativas orais sobre as crianças que atentamente o escutavam no único momento de liberdade absoluta diariamente facultado pela madrinha. Na realidade, a hora das histórias de Zé Miúdo em tudo contrastava com o rigor e disciplina da educação ministrada pela tutora. Esta, como sublinha a autora, “governava-lhes o corpo e o espírito, ao centímetro quadrado, com a mesma precisão – olhos, mão leve, pouco sono – com que governava a casa, os animais e a fábrica” (TAVARES, 2004, p. 95). A apresentação das três características que orientam a ação da madrinha – olhos, mão leve e pouco sono – consubstancia a figura da madrinha como um ser que se constrói pelo fazer e por um conjunto de eixos passíveis de ser interpretados de forma dinâmica. Para os adultos, indiciam um modo de vida orientado em torno de valores como a persistência, o trabalho, o rigor, percecionados como elementos que veiculam um perfil de uma certa moralidade. Pelo contrário, embora se pressinta um discurso em tom laudatório da narradora, a madrinha simbolizava para as crianças a rigidez do mundo real ao qual faltava, sem dúvida, a vitalidade do universo onírico, estranho à rotina diária da madrinha:

O tempo era onde a madrinha gostava de governar. E o tempo, pelo menos assim pensavam os miúdos, parecia só dela, instintuída guardiã e condutora: seis da manhã, toca a levantar, acende o fogão de lenha, varre o quintal, faz a comida dos cães, trata dos gatos, limpa a gaiola dos pássaros, põe a mesa, reparte o pão e o leite, parte para a escola. (TAVARES, 2004)

Esta rotina de cuidar das crianças era consideravelmente intensificada ao domingo, dia em que a madrinha se esmerava:

[...] punha os óculos de ver ao perto e a vistoria descia ao milímetro quadrado e era vê-la, numa aplicação desdobrada, começar um pouco mais cedo por causa da hora da missa. Quando finalmente entravam na igreja, os miúdos, por milagre, tinham-

-se transformado numa fila de peles escuras muito luzidias, com cabelos amansados, uma profusão de laços, gravatas, vestidinhos de organza e sapatos apertados [...]. (TAVARES, 2004, p. 96)

A transfiguração das crianças, resultado da persistência da madrinha no exercício da sua autoridade, atesta a visão compreensiva do universo dos adultos, representado aqui pela figura maternal da madrinha, que a narradora deixa subentender. A tonalidade narrativa da cronista não configura contudo uma censura, antes sim a mediação de quem, sendo adulto, consegue projetar o equilíbrio resultante da síntese de ambos os universos: o prático, racional e funcional, da madrinha, e o onírico, imaginário e lúdico das crianças e, entre elas, de Zé Miúdo.

A hora da sesta da madrinha introduzia na vida das crianças um cosmos oposto àquele em que a disciplina da madrinha conduzia os seus destinos, não se vislumbrando todavia que fosse menos produtivo, conforme o texto explicitará.

Como referimos, Zé Miúdo era dono de invulgar mestria na arte de contar e, mesmo sem conhecer o alfabeto que lhe permitiria ler e escrever com exatidão, lia histórias dos sete livros que existiam então em casa da madrinha e que eram acarinhados pelos miúdos, indiferentes, todos, ao facto de àqueles apenas lhes sobrares já naquele tempo a lombada e as capas grossas e vermelhas. Na realidade, as histórias de Zé Miúdo tinham o poder de encantar todas as crianças e derivavam exclusivamente do seu imaginário, da sua capacidade para integrar na ficção elementos de verdade como a vaca Estrelinha ou o gato Trinca-Espinhas e dependiam ainda sobretudo do ritmo e da magia da palavra de Zé, que transportava os miúdos para os mistérios das histórias e a liberdade dos sonhos. Esta viagem era diariamente interrompida, já que, pressentindo o despertar da madrinha, “Zé Miúdo embrulhava a história dentro do livro vazio e criava a esperança do dia seguinte, quando a madrinha deixava que os miúdos tomassem conta do tempo” (TAVARES, 2004, p. 98).

Assim construído pela autora, o universo ideal compõe-se, afinal, da coexistência de dois panoramas, o da pragmática adulta e o do ima-

ginário infantil, que se complementam, pressentindo-se a valorização de ambos para a realização humana. Esta conceção de universo humano configurada pela crónica dedicada ao relevo que todo o Zé Miúdo tem o poder de exercer no mundo fantasioso das crianças constitui prova da dimensão formativa da literatura e de quanto ela pode influenciar o modo de se ser cidadão, pois importa que as leituras e as obras “sirvam como mediadoras não somente do gosto e da sensibilidade, mas também na construção do cidadão responsável, capaz, assim, de encontrar com os outros e não isoladamente os rumos de uma vida melhor” (GOMES, 2009, p. 17).

“A menina dos ovos de ouro”

Uma problemática distinta das abordadas nos textos anteriormente apresentados é a presente na crónica “A menina dos ovos de ouro”. Nela, a autora descreve, através de uma crónica-conto enunciada num “eu” juvenil feminino, a insegura entrada na vida adulta de um eu-menina, marcada pelo início da puberdade e pela entrega ao rapaz, futuro marido, em troca do boi.

Colocada deste modo a questão, uma primeira leitura poderia sugerir uma intencionalidade crítica face à descrição dos rituais de iniciação na cultura africana. No entanto, o propósito da cronista orienta-se, como se subentende da análise do texto, pela exploração de uma polifonia que expressa uma ponderação entre a riqueza presente na transmissão dos processos, valores e pedagogia da tradição e o protagonismo da perspectiva da criança-mulher, observadora impotente da radical mudança do seu destino e em nome da qual a autora assume a palavra.

Deste modo, deixa-se ao leitor a possibilidade de uma reflexão que cumpra o desígnio de questionar o diálogo entre tradição e modernidade e o lugar da criança e da mulher nas sociedades, cumprindo-se a dimensão formativa do mito na ótica de Mircea Eliade quando sustenta

a relação direta entre o mito e conhecimento do Cosmos das nossas origens (ELIADE, 1989). Este diálogo, se concretizado em contexto modelado pelo exercício de uma pedagogia do significado da literatura e do que ela pode contribuir para a cultura, revela-se de especial riqueza, pois oferece a possibilidade de o aluno se autoquestionar enquanto sujeito de um tempo, de uma cultura, de uma sociedade, procurando dimensionar, em simultâneo, a perspectiva do Outro.

Numa leitura meramente pessoal, pressente-se nesta crônica uma mensagem de valorização da criança, da importância dos seus ritmos e do seu enquadramento enquanto ator social, que não se pode limitar a qualquer fronteira, seja ela civilizacional, geográfica ou de outra natureza. Para esta significação muito contribui a enunciação assumida no texto, conferindo-lhe particular densidade subjetiva e oferecendo ao professor um manancial de abordagens didáticas, explorando campos de enriquecimento pessoal proporcionados pela literatura como a polifonia ou a riqueza semântica do léxico.

Ao lerem o texto, os alunos são inevitavelmente estimulados a assumirem a posição da menina personagem-narradora, construindo relativamente a esta uma empatia cujos frutos são, no seu verdadeiro sentido, insondáveis. Em sentido oposto, poder-se-á ensaiar a transfiguração em outra voz enunciadora, podendo verificar, através da linguagem, como é marcante o poder da palavra e como a definição da personagem se traduz, na sua essência, pela linguagem assumida.

Estes exercícios, pragmáticos mas simultaneamente intensos porque estabelecem verdadeiros diálogos entre leitor e texto, contribuem para que os alunos-leitores compreendam a rede significativa e construtiva da literatura. Inevitavelmente constituem igualmente uma oportunidade de jovens leitores apreenderem a singularidade de um autor e de sentirem o modo como este transforma uma mensagem em texto literário irrepetível. A escrita de Ana Paula Tavares, seja narrativa seja poética, bem se configura como exemplo único nessa fonte de aprendizagem do que é e pode significar, dentro de cada sujeito, a literatura.

Guerra para crianças

A obra *A Guerra dos Fazedores de Chuva com os caçadores de nuvens*, de Luandino Vieira, constitui um dos momentos que marcaram o regresso do escritor à celebrada partilha da sua produção com o público. Publicada em 2008, a obra, inspirada pelo modelo do álbum, construindo desta forma uma significação particular enquanto objeto estético, surpreende o leitor com o subtítulo “guerra para crianças”. A compreensão da mensagem assim avançada motiva, por parte do leitor, uma atitude de questionamento acerca das possibilidades de um diálogo entre a inteligibilidade juvenil do universo e o conceito de guerra.

A diegese, seguindo o ritmo e o modelo da narrativa oral tradicional – os missosso, tão bem trabalhados e recuperados por Óscar Ribas – motiva a (re)descoberta da problemática da guerra, proporcionando reflexões em torno de realidades com que os países e os continentes se têm confrontado ao longo dos tempos. Será uma forma de leitores crianças se iniciarem num tema difícil e através de uma abordagem literária que não deixará, certamente, de complementar as leituras mais materiais e informativas que realizam em disciplinas como Estudo do Meio, no primeiro ciclo, ou, de modo privilegiado, História e Geografia de Portugal, no segundo ciclo, patamares do escolaridade onde nos parece pertinente integrar a leitura do texto de Luandino agora analisado.

Em concreto, a ficção revela o confronto entre angolanos e portugueses, respetivamente comandados pelo Grande Kibaia e Lengalengenu, o capitão de artilharia César António Octávio Paurilha, motivando uma relação de intertextualidade com *O Livro dos Rios* (VIEIRA, 2006), pois retoma o episódio da batalha do vau do Mbudi, dada a conhecer na obra pela personagem Elias Caturra.

Acontece porém que os conselheiros do chefe português não eram portugueses, mas sim filhos de África que, ao renegarem a sua verdadeira pátria, combatiam numa posição incompreensível para os outros Angolanos. Os primeiros tinham como armas os tambores e com eles

encomendavam com sucesso a chuva; os segundos, embora utilizando as espingardas, nada mais conseguiam do que afugentar as nuvens.

Na inevitabilidade da guerra, os portugueses acabam derrotados, devido ao desconhecimento da terra e da injustiça de uma vitória que lhes permitisse a posse de uma terra à qual não pertenciam, por destino ou por opção. Chegado o momento do “julgamento de guerra”, a traição merece um castigo implacável porque incompreensível para os filhos da terra.

Poder-se-á eventualmente entender a obra como uma metáfora da guerra colonial, mas uma guerra para crianças não se pode obviamente limitar a contornos historicamente tão definitivos. Situar-se-á, assim, num tempo imaterial. De relevante, a discussão de valores eternos que se prendem com a consciência da terra e com as conceções de justiça, de solidariedade e de sabedoria constitui a dimensão mais produtiva deste texto de Luandino.

Naturalmente que, em contexto pedagógico, a exploração da oralidade que habita o texto e o subjacente significado de valorização da herança tradicional nele percebidos constituem aspetos a contemplar. Também a ilustração da obra, realizada pelo autor, esclarece e expande o sentido do texto, configurando um precioso elemento para a construção pelos alunos de um contexto geográfico e cultural do conteúdo narrativo, já que as imagens reproduzem figurações pictóricas características do universo tradicional angolano.

A guerra narrada surge como a necessidade de preservar a História e a memória, consagrando o que se viveu, o que se sofreu, o que se observou, o que se perdeu e o que se ganhou. Testemunha-se perante as novas gerações, a quem a obra se destinará, a importância do passado, real ou mítico. Com a enunciação infantil de uma guerra e das possibilidades interpretativas nela encerradas, as crianças podem aprender, através da lição do passado, a salvar o presente e a construir o futuro.

Do ponto de vista de uma didatização do texto literário, é evidente o modo como a obra conquista o território da pedagogia. Desde logo, a inscrição de uma cópia dos manuscritos não deixa de sublinhar a ofi-

cina de escrita que, embora escondida, integra a arte de escrever. Revela do conhecimento empírico de quem é professor que os jovens se deixam atrair por uma inconsciência do trabalho do escritor, supondo a escrita como uma inspiração perfeita. Ao revelar o manuscrito, o autor espelha o processo de se ser um artista da palavra, acentuando a componente rigorosa e sacrificial da sua arte, convidando os seus leitores a inaugurarem, também eles, uma experiência semelhante. Por outro lado, a leitura da obra, na sua totalidade, evidenciará algo a que os seus leitores não poderão ficar indiferentes: a sua linguagem. A plasticidade da língua portuguesa desperta os seus jovens leitores para o início de uma consciencialização da riqueza que a língua pode contemplar, podendo cada docente optar por distintos percursos para que esta dimensão possa ser mostrada aos leitores.

História e Literatura

O diálogo entre História e Literatura preconizado por Ana Paula Tavares e Luandino Vieira permite compreender o imaginário e a memória dos Povos, sublinhando a riqueza do património cultural e da língua. Mais do que a interpretação da mensagem dos textos no quadro da inspiração da atualidade, pelo poder simbólico das suas linguagens de autor, os seus textos materializam, como sublinha Manuel Gusmão, “uma *poiesis* que ilimita a finitude da nossa condição, e pela qual reconhecemos, produzimos e elaboramos a nossa «alteridade histórica»” (GUSMÃO, 2002, p. 51).

A literatura promove, pois, a problematização da realidade e da História, permitindo, em cada geração, uma nova concetualização do conjunto de saberes inscritos nos textos, continuando, por isso, ao longo dos tempos, a conter algo que fascina ou que, pelo menos, interessa a novos leitores. Resulta do vigor da literatura, conferido pelas características de cada escritor, a justificação para que se pugne pelo seu

protagonismo no percurso formativo das nossas crianças. Como sustenta Vincent Jouve, ao refletir sobre o valor da literatura, afirmando que “en nous impliquant dans un monde qui n’est pas la réalité, mais y ressemble, les fictions nous conduisent donc à réévaluer le monde où nous vivons” (JOUVE, 2010, pp. 151-152), a literatura oferece ao leitor novos olhares para compreender o mundo e para cada um entender o seu papel no contexto amplo da sua existência.

Bibliografia

BUESCU, Maria Helena C. *et alii*, *Metas Curriculares de Português, Ensino Básico, 1.º, 2.º 3.º Ciclos*, Lisboa, Ministério da Educação e Ciência, 2012, http://www.portugal.gov.pt/media/675639/portugu_s.pdf (consultado a 12 de outubro de 2013).

BUESCU, Maria Helena C. *et alii*, *Metas Curriculares de Português, Ensino Secundário*, Lisboa, Ministério da Educação e Ciência, 2014, http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/programa_metas_curriculares_portugues_secundario.pdf (consultado a 14 de outubro de 2014).

DEONNA Julien A.; TERONI, Fabrice, *Qu'est-ce qu'une émotion ?*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 2008.

ELIADE, Mircea, *Aspetos do Mito*, Lisboa, Edições 70, 1989 [*Mith and Reality*, 1963]

GOMES, José António, “Leitura e memória”, in José António Gomes *et alii* (coord.), *A Memória nos Livros: História e histórias*, Porto, Deriva, 2009.

GUSMÃO, Manuel, “Da Resistência à Literatura”, in Cristina Mello *et alii* (coord.), *II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português* (Coimbra, 5 e 6 de novembro de 2001), Coimbra, Almedina, 2002, pp. 43-53.

JEAN, Georges, *Le Pouvoir des Contes*, Tournai, Casterman, 1981.

JOUE, Vincent, *Pourquoi étudier la littérature?*, Paris, Armand Colin, 2010.

TAVARES, Ana Paula, *A Cabeça de Salomé*, Lisboa, Caminho, 2004.

VIEIRA, Luandino, *A Guerra dos Fazedores de Chuva com os caçadores de nuvens*, Lisboa, Caminho, 2008.

VIEIRA, José Luandino, *De Rios Velhos e Guerrilheiros, O livro dos Rios*, Lisboa, Caminho, 2006.